



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense
20 a 24 de Outubro de 2019
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5713 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT08 - Formação de Professores

O JOVEM PESQUISADOR, SUA FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA E A CULTURA PERFORMATICA: UM CAMINHO DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

Maria Fernanda Alves Garcia Montero -
Kristina Michelle Silva Speakes - PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

O JOVEM PESQUISADOR, SUA FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA E A CULTURA PERFORMATICA: UM CAMINHO DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

Resumo

Este ensaio parte das experiências de nove alunos e ex-alunos em um programa de pós-graduação em educação e examina as contradições encontradas pelo jovem pesquisador em educação que se vê na cúspide entre a vida estudantil, uma vida de formação e preparação, e a vida profissional, com responsabilidades na docência, na pesquisa e na divulgação / publicação. Baseia-se nos trabalhos de MOREIRA(2009) e BALL(2002) sobre a cultura de produtivismo e também nos trabalhos de CUNHA, BRACCINI, e FELDKERCHER(2015) e de CUNHA e AZEVEDO(2014) sobre a formação para a docência superior. O texto destaca três áreas nas quais o jovem pesquisador deve se formar: para a pesquisa, para a docência, e para a divulgação. Demonstra, portanto, que uma ênfase no produtivismo domina e uma formação para a divulgação acaba perdendo espaço no discurso sobre a iniciação na carreira científica. É nesse contexto que surgem as inquietações dos jovens pesquisadores citados. Seus questionamentos criam um resistência que resulta na publicação do seu próprio livro.

Palavras chaves: produtivismo, performatividade, formação para docência no ensino superior

1.Introdução

Em janeiro de 2018, aconteceu o encontro de um grupo de nove jovens pesquisadores, alunos e ex-alunos de um renomado programa de pós-graduação em educação de uma universidade no sudeste do país. Uma inquietação em comum havia levado cada um àquele encontro: fiz a pesquisa, e agora? Quanto o jovem pesquisador deve produzir e quais os melhores caminhos para a divulgação dessa produção? Todos sabiam que a hora havia chegado de divulgar seus trabalhos científicos, mas nenhum deles estava interessado em publicar somente por publicar. Queriam divulgar seu trabalho e coloca-lo para circular nos meios acadêmicos, e fazer parte de uma discussão na comunidade acadêmica. Uma linha no *Currículo Lattes* deveria ser uma consequência e não a motivação. Havia uma resistência a um sistema que parecia valorizar quantidade acima da qualidade e linhas no seu histórico acadêmico mais do que a contribuição que a pesquisa poderia trazer, por mais iniciante que seja, para a discussão maior.

Mas reunidos aquele dia, concordaram sobre a falta de conhecimento sobre o que fazer e onde começar. Publicar, sim. Como? Onde? Publicar um artigo em um periódico de qualidade parecia uma montanha de longínquo pico, que poderiam escalar e escalar sem parar e nunca atingir. Naquela ocasião, os nove jovens pesquisadores contemplavam formas e mais formas que suas pesquisas distintas poderiam assumir sem parecer uma colcha de retalhos. Afinal, o que realmente tinham em comum era a pesquisa em Educação e uma formação sólida sobre a importância de fazer as pesquisas bem sustentadas teoricamente e com fundações metodológicas firmes. A semente foi plantada e, no fim do ano, um livro foi publicado, retratando as dificuldades metodológicas encontradas pelos jovens pesquisadores durante seus períodos de formação.

Como tais coisas frequentemente são, o processo de produzir o livro provocou mais inquietações do que silenciou. Assim, o ciclo continua. A exploração da conexão entre o papel da pesquisa e sua divulgação como parte da formação de professores se mostra ainda mais passível de discussão, isso porque ao mesmo tempo em que o jovem pesquisador se depara com a necessidade de publicação e divulgação de sua pesquisa, ele também se depara com as dificuldades do processo de publicação.

É devido ao processo de escrever e publicar o livro supracitado que nasce este ensaio, pois a necessidade de confrontar mais agudamente o processo de sua formação apresentou-se como algo inevitável. A inquietação principal sobre sua falta de conhecimento a respeito da divulgação científica não se calou com a publicação do livro. É até possível afirmar que se acentuou ainda mais. Todos confiavam que haviam recebido uma formação de qualidade como pesquisador. Professores e visitantes haviam repetido inúmeras vezes que o problema com a pesquisa em Educação é que fica dentro do clubinho, que precisa ser divulgada. Mesmo assim, por mais empenho que o pesquisador iniciante possuía, falta informação e formação para tal ofício.

2.A pesquisa, a produção e a performatividade

O pós-graduando em Educação tem uma jornada multifacetada. Em primeiro lugar, há uma pesquisa principal, ponto focal no seu curso de mestrado ou doutorado. A pós-graduação em Educação, porém, possui características adicionais que podem criar conflitos e angústias distintas. Isso se dá porque o pós-graduando em Educação está sendo formado como pesquisador e ao mesmo tempo como formador de outras gerações de professores. Vive uma vida dupla

em que de um lado precisa pensar em como realizar uma pesquisa e em como apresentá-la da melhor forma. Quanto tempo se precisa para a avaliação de um artigo? Como lidar com a preferência - por parte de revistas e editoras - em se publicar autores já renomados? É possível equilibrar as normas de padronização que variam de uma revista para outra? Ao mesmo tempo, o pesquisador iniciante procura compreender como seu processo de formação vai influenciar seu trabalho atual e futuro na formação de professores e na liderança educacional.

As angústias não são exclusivas aos jovens pesquisadores no Brasil. Em um artigo intitulado *Publishing in pursuit of an academic career: the role of embedded and encultured knowledge in national job-market entry strategies of elite early career European scholars*, Anderson (2019) afirma uma necessidade de compreender os conhecimentos que os jovens pesquisadores levam adentro uma carreira nova:

Existe, portanto, uma necessidade de compreender melhor o conhecimento que acadêmicos no início de carreira têm sobre os processos de recrutamento nos diversos sistemas acadêmicos nacionais. Como eles percebem os critérios explícitos e práticos não sistematizadas que mediam o acesso aos cargos de trabalho iniciantes? E como e até que ponto esses conhecimentos dão forma a suas decisões sobre publicações? (ANDERSON, 2019, p.105)[1]

Assim, a autora deixa explícito que nem todos os conhecimentos necessários para divulgar suas pesquisas e entrar no meio acadêmico são claros e sistematizados. É pacífico, jovens pesquisadores mundo afora enfrentam os mesmos desafios que os brasileiros.

Para além dessas dificuldades "técnicas", há ainda que se destacar que existe, na Academia de uma maneira geral, a presença daquilo que Ball (2002) descreveu como cultura de performatividade:

A performatividade é uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação que se serve de críticas, comparações e exposições como meios de controle, atrito e mudança. Os desempenhos (de sujeitos individuais ou organizações) servem como medidas de produtividade e rendimento, ou mostras de "qualidade" ou ainda "momentos" de promoção ou inspeção. Significam, englobam e representam a validade, a qualidade ou valor de um indivíduo ou organização dentro de um determinado âmbito de julgamento/ avaliação. (BALL, 2002, p.4)

Mas o que, de fato, isso significa? Significa que, cada vez mais, o professor/pesquisador se vê julgado em função do número de artigos que escreve e consegue publicar em periódicos e coletâneas. E quando falamos em número de artigos, queremos destacar aqui que o critério de avaliação que tende a prevalecer é o quantitativo, uma vez que, sob a ótica da performatividade, todo produto e/ou resultado deve ser traduzido em números.

Em um estudo sobre a bibliometria, o processo de usar algoritmos para quantificar a produção acadêmica para fins de contratação, promoção ou financiamento, Nygaard e Bellanova (2019) explicam como tais processos enfatizam a quantidade de publicações e citações em detrimento de outros fazeres acadêmicos como supervisão de alunos e pesquisas, orientação, e trabalhos administrativos, afirmando, "Esse foco único na produtividade não somente ameaça erodir a diversidade nas práticas científicas, mas também pode causar prejuízos sistemáticos aos acadêmicos cujas práticas diferem das normas estabelecidas pelos indicadores" (p.24)[2]. Os autores continuam sua discussão com uma explicação de como práticas de contabilidade influenciam a escrita acadêmica com prática social e a agência dos autores, no caso os jovens pesquisadores. Sua análise mostra como a bibliometria não mede objetivamente a atividade acadêmica e concluem, "Assim, a bibliometria se desloca de um lugar da descrição da produtividade a um lugar da definição dela, criando uma imagem idealizada da atividade acadêmica"(p.27)[3].

Então, ao mesmo tempo em que esse cenário pode incentivar novas produções, novas pesquisas, novos eventos e novos periódicos, também pode acarretar uma indústria da produção. Cobranças como publicar um ou dois artigos por ano, em revistas bem avaliadas, por exemplo, faz com que as produções, particularmente nas ciências sociais e humanas, se deem de forma um tanto quanto apressada, já que "Paralelamente à multiplicação das oportunidades de divulgação dos estudos, diminui o tempo necessário para maturação, reflexão e discussão das ideias difundidas." (MOREIRA, 2009, p.31).

É dentro desse cenário que se encontra o professor/pesquisador iniciante/recém-formado, dividido entre a obrigação de produzir para "ser alguém" no meio acadêmico/científico, e o fato de ainda ser muito "verde", de justamente ainda não ser alguém, o que torna o ato de publicar muito turbulento, pois ainda não se sabe se esse novo pesquisador vale a pena/merece ser publicado. O sistema é dúbio, pois ao mesmo tempo que cobra, dificulta a abertura de espaço para que os novatos se aventurem. Importante frisar que todo esse cenário não atinge somente a trajetória individual do professor/pesquisador, mas também

[...]as relações dos docentes uns com os outros, contribuindo para que essas relações se pautem não pela solidariedade, mas pela competição (por quantidade de publicações, por convites para eventos e outras atividades acadêmicas, por verbas para pesquisa, por número de orientandos e bolsistas, por destaque no cenário acadêmico do país) (MOREIRA, 2009, p.32)

Vale dizer, então, que a produção é parte essencial da formação do professor/pesquisador, uma vez que afeta tanto sua individualidade profissional, como sua atuação em conjunto.

3. Formado para quê?

Quando falamos da formação do professor/pesquisador, é patente que os programas de estudos pós-graduados têm o objetivo principal de formar pesquisadores. A pesquisa, ou no formato de dissertação ou no formato de tese, ocupa a posição de maior importância na vida acadêmica do mestrando ou doutorando e é considerada a marca singular de que se constitui um estudo *stricto sensu*. Sem dúvida, cada programa tem suas particularidades, mas essa característica fundamental mantém-se constante independente de universidade ou programa de pós-graduação.

No seu estudo sobre a formação em Medicina, Williams e Balá? (2008) distinguem quatro tipos de conhecimento tácito: conhecimento conceitual-cognitivo, conhecimento incorporado, conhecimento enculturado, e conhecimento embutido. O conhecimento conceitual-cognitivo poderia ser considerado o conhecimento adquirido durante a pesquisa tipificado pelos estudos pós-graduados. Argumenta-se com facilidade que esse conhecimento recebe mais atenção ao longo da preparação para uma carreira acadêmica. Isso, com certeza, inclui uma formação para a produção escrita acadêmica, mas a compreensão do conhecimento embutido sobre os padrões organizacionais que regem o mundo de publicação acadêmica pode estar sendo relegado.

Os programas de pós-graduação em Educação não são diferentes, nem poderiam ser. Profissionais de todas as áreas chegam com o objetivo comum de realizar pesquisas dos mais variados tipos no âmbito educacional. A pesquisa e a formação como pesquisador os unem. Nem a qualidade dessas pesquisas e nem a relevância delas estão sendo aqui questionadas. Simplesmente constatamos que esse objetivo da formação de pesquisadores é constante e cada programa toma suas decisões em prol desse objetivo.

Estes programas, contudo, têm um outro objetivo, um que muitas vezes permanece em um campo implícito, quase invisível. É o objetivo de formar formadores de professores e líderes educacionais. Não é rara a discussão, na pós-

graduação em Educação, sobre o estado precário da formação inicial, e até continuada, de professores da educação básica. São abundantes relatos e pesquisas sobre as dificuldades inúmeras enfrentadas pelas professoras e pelos professores no início de carreira. Os professores universitários, porém, ficam fora da equação, mesmo quando sofrem as mesmas angústias e sensações de despreparo que seus pares na Educação Básica. De acordo com Cunha, Braccini e Feldkercher (2015) no seu levantamento de pesquisas apresentadas em três edições do *Congreso Internacional sobre Profesorado Principiante e Inserción Profesional a la Docencia*:

Por outro, a preparação que tiveram não responde às exigências da docência e não foram para ela preparados. Mesmo assumindo que a formação inicial não dá respostas lineares aos desafios da prática, a inexistência de qualquer teorização sobre a dimensão pedagógica os torna profissionalmente frágeis, assumindo um papel para o qual não possuem saberes sistematizados. (p. 75)

A combinação dos dois aspectos – a formação para pesquisa junto à formação para a docência superior – quase não tem um lugar. Nos programas, um aspecto reina e o outro esmaece. Na literatura e na pesquisa, a ausência parece ser maior ainda. Quando existe, é uma discussão da possibilidade de usar a pesquisa com alunos universitários. Azevedo e Cunha (2014) explicam essa formação para a docência superior a partir da visão dos educadores e citam a pesquisa como um ponto chave. Mesmo assim, mostram como a formação para a docência superior e para a pesquisa ainda deixam a desejar.

Para que os professores alcancem os saberes próprios do ensino com pesquisa, é preciso formação própria para a docência, e a Universidade tem significativa responsabilidade na promoção dos processos que qualificam a docência, bem como nos que envolvem a pesquisa e a orientação dos futuros professores universitários. São processos formativos que podem contribuir com a experiência acadêmica, auxiliando a organização e o planejamento do ensino e a inserção dos professores no mundo laboral. (p. 99)

Isto posto, outra observação que se faz digna de destaque é o fato de que, apesar da exigência da publicação ser um fantasma presente na carreira do professor/pesquisador a partir do momento em que ele resolve adentrar o mundo da pesquisa acadêmica, pouco se trata do tema da publicação como fator influenciador da formação desse pesquisador/professor. Vale dizer, então, que muito se fala sobre a necessidade e a importância da publicação, da divulgação, mas pouco se discute sobre o como publicar, o porquê publicar e sobre o papel da publicação enquanto elemento constitutivo da formação desse profissional. Falamos em elemento constitutivo pois a publicação e a divulgação são coisas que, necessariamente, irão acompanhar o professor/pesquisador em toda sua trajetória profissional, primeiro porque é preciso que as pesquisas feitas sejam divulgadas (visto que o objetivo de se fazer pesquisa é que possamos, de algum modo, melhor entender a realidade a fim de poder melhor lidar com ela, então não faria sentido fazer uma pesquisa para depois deixá-la empoeirando na biblioteca da universidade), segundo porque - por mais que a performatividade seja passível de críticas - é nesse meio em que se encontra, obrigatoriamente, o professor/pesquisador e, portanto, é pelas vias desse contexto que ele será avaliado, receberá financiamentos, pontuará em concursos, etc.

Veja-se bem, o que se está dizendo aqui não é que seria preciso que os orientadores, por serem já mais experientes na carreira, peguem seus orientandos pelas mãos e os levem pelos caminhos. Não. O que se está dizendo é que, sendo a publicação um dos princípios intrínsecos à pesquisa científica, é preciso que ela seja cotejada no processo de formação do professor/pesquisador. É preciso que haja, junto com a formação para a pesquisa e para a docência em nível superior, a formação para a divulgação. Entendemos que há uma enorme diferença entre "forçar" o aluno a publicar um artigo pois sua bolsa e a avaliação do curso dependem disso, e formar o aluno para levar sua pesquisa à praça pública a fim de ser divulgada e debatida pela comunidade acadêmica/científica.

Embora não apareça de forma explícita no seu levantamento das três edições do *Congreso Internacional sobre Profesorado Principiante e Inserción Profesional a la Docencia*, se compreendemos a divulgação científica como uma das marcas da profissão é possível inferir que Cunha, Braccini e Feldkercher (2015) incluíam a formação para divulgação/publicação nas suas reivindicações para jovens professores universitários.

Progressivamente se institui a compreensão das características próprias da fase de inserção profissional dos novos professores, compreendendo a complexidade de seus desafios. O ingresso na carreira implica nas primeiras experiências de aprendizagem do ofício e, também, em um momento importante de socialização profissional (p.74).

A formação para a publicação (entendendo essa como parte intrínseca do processo de pesquisa acadêmica/científica) seria um caminho, a nosso ver, para evitar justamente a publicação meramente burocrática, ou seja, aquela feita simplesmente para cumprir com metas estabelecidas externamente por entidades fomentadoras de pesquisa. Nesses termos, Moreira (2009) argumenta que a forte pressão para se publicar em periódicos qualificados (os com avaliação A1, A2, B1 e B2 seriam aqueles nos quais mirar) acaba desvirtuando a finalidade maior da pesquisa, qual seja, a de fazer com que a sociedade tome conhecimento dos resultados de um determinado trabalho e do que estes resultados significam para o coletivo. Ou seja, define-se um cenário em que o produto é tido como um fim em si mesmo, ao invés de como um meio de divulgação de novos avanços no conhecimento. A formação para publicação poderia ser entendida, então, como uma possibilidade de caminhar na contramão da cultura da performatividade.

Em vista das dificuldades listadas, é importante dizer que nem tudo são espinhos. Os obstáculos postos no caminho, vez ou outra, permitem que novas maneiras de "se colocar" sejam criadas/descobertas, como o caso do grupo de nove pesquisadores/professores recém-formados citado anteriormente. Frente aos questionamentos sobre a metodologia da pesquisa em Educação e frente à necessidade (e dificuldades) da publicação, qual não foi a saída desse grupo de alunos senão juntarem-se eles mesmos para fazer, em colaboração, sua própria produção? Isto é, criarem eles mesmos suas próprias condições de publicação enquanto alternativa frente às dificuldades em ver abertas possibilidades de publicação nos meios correntes como revistas, por exemplo.

4.A publicação enquanto resistência

A reunião desse grupo de autores se deu justamente pela luta cognitiva entre os fatores destacados neste texto. Todos sentiam este conflito entre o produtivismo e a necessidade de divulgação das respectivas pesquisas, uma vez que um dos objetivos almejados, tanto por esses nove pesquisadores como por qualquer outro, era (é) reclamar seu

lugar como membros da comunidade acadêmica/científica. No entanto, era justamente para a publicação/divulgação que não se sentiam propriamente formados/preparados.

O que se ambicionava era encontrar uma forma de adentrar essa parte importante do mundo acadêmico/científico (a publicação - vulgo "colocar o nome no mapa"), porém, atribuindo à tarefa de publicar um significado que fosse além de simplesmente acrescentar uma linha no *Currículo Lattes* para fins de concurso, por exemplo. Procuravam uma forma significativa de entrar nesse meio, de se posicionarem como membros da comunidade acadêmica/científica. Ou seja, não queriam se entregar à produção pela produção. E é isso que essa experiência tem de significativo, pois foi a maneira encontrada por esses nove pesquisadores de produzirem sem necessariamente se renderem aos ditames da cultura da performatividade.

A ideia, então, foi a de organizarem juntos um livro para que pudessem apresentar para o mundo as respectivas pesquisas. No entanto, como dissemos anteriormente, o objetivo era que essa divulgação tivesse um significado maior do que simplesmente "se pôr no mundo". Era preciso encontrar um ponto de convergência entre as nove pesquisas. Claro que uma ou outra já possuíam, por exemplo, o mesmo objeto de pesquisa, porém, variavam quanto ao referencial teórico e ao método de abordagem.

Assim, ao invés de simplesmente juntarem as nove pesquisas num livro, como capítulos estanques, buscou-se uma temática que tornasse capaz a conversa entre as diferentes pesquisas. E essa busca encontrou como temática comum as dificuldades encontradas por todos os nove pesquisadores na definição de suas metodologias de pesquisa. Assim, embora as pesquisas tivessem temas os mais diversos, e pertencessem a diferentes linhas de pesquisa, as dificuldades metodológicas foram o ponto em comum dos nove trajetos de pesquisa. Definiu-se, então, o tema central que uniria todos os capítulos: a metodologia da pesquisa em educação.

O livro em questão nasceu, então, da constatação, por parte desse grupo de pesquisadores, de que a questão da metodologia de pesquisa foi uma dificuldade encontrada por todos em seus respectivos caminhos como investigadores. Conversando sobre as respectivas pesquisas, ao discutir justamente essa questão, perceberam que pouco se discute na pós-graduação, no processo de formação do pesquisador, a questão sobre o como realizar uma pesquisa, e que descrever a metodologia de pesquisa utilizada, elencar procedimentos e justificar essa escolha constituem elementos de extrema importância no desenvolvimento de uma pesquisa, garantindo-lhe prestígio e validade científica. Tendo isso em mente, julgaram que seria pertinente, além de proveitoso, partilharem suas experiências com outros pesquisadores, com o intuito de, talvez, dar alguns passos na direção de preencher essa lacuna acerca do desenvolvimento de uma pesquisa.

Poder-se-ia, então, afirmar que a iniciativa desses jovens pesquisadores se constituiria em uma espécie de movimento de resistência, uma vez que, frente às inúmeras dificuldades impostas pela cultura da performatividade, conseguiram não só colocarem seus nomes em uma publicação de substância, mas conseguiram também atribuir-lhe valioso significado. Nas palavras de Moreira (2009),

Talvez se faça viável, então, superar a descrença e, com razoável dose de esperança, envidar esforços para construir uma "outra cultura" no âmbito dos programas de pós-graduação em educação. Só assim conseguiremos preservar "o sentido nobre da ciência", como propõem Bianchetti e Machado (2007), e não nos perder na cumplicidade com as regras e as exigências de uma modalidade de avaliação que tem causado tantos danos aos pesquisadores do país. (p.40)

5. Considerações finais

De acordo com Davies (2005), para que possamos recusar nossas condições de existência, é preciso que antes conheçamos quais condições são essas e como elas se constroem, pois só assim é possível encontrar falhas que nos permitiriam a recusa/resistência e a construção de novas condições.

Um passo necessário na recusa dessas novas condições de nossa existência é estar ciente dos discursos através dos quais somos definidos e nos definimos em existência. Precisamos encontrar as linhas de fuga e as fraturas nesses discursos. Ai sim, nesses espaços de fraturas, elaborarmos novos discursos, novos posicionamentos (DAVIES, 2005, p.1)^[4]

Essa é a razão pela qual elaborou-se este ensaio, para discutir a cultura da performatividade e a formação do professor/pesquisador que há de se inserir nessa cultura a fim de contribuir para que fendas ranhuradas/falhas sejam encontradas e para que, a partir delas, movimentos de recusa/resistência e de transformação, tais como o livro apresentado, se façam possíveis. Estamos todos inseridos neste contexto da produtividade acadêmica e seria contraproducente entender a luta política pela superação deste contexto como dicotômica, ou seja, entendendo como uma luta entre "nós e eles", como se de alguma maneira fosse possível nos excluirmos desse contexto, como se fosse possível existirmos à parte dele e observá-lo "de fora". É preciso que encontremos as fraturas internas de que fala Davies (2005), pois só assim é possível des(res)construir de maneira efetiva sistemas que estão há muito estabelecidos e enraizados na prática dos sujeitos.

Por isso se faz necessária a discussão acerca não apenas da cultura da performatividade, mas também da formação do professor/pesquisador que irá atuar dentro dessa cultura, pois é através da ação desses sujeitos, que estão inseridos no mundo da pesquisa científica/acadêmica e que, necessariamente, serão afetados pela cultura/contexto vigente, que se faz possível pensar em movimentos de recusa/resistência e transformação.

Para os nove pesquisadores, essa ruptura foi possível somente quando foi determinado exatamente onde foram situados na luta entre a necessidade pela produtividade para a introdução da nossa produção científica ao meio acadêmico e a necessidade pela produtividade para a construção de uma carreira acadêmica. O livro que resulta dessa discussão e o subsequente ensaio analítico sobre o processo todo se apresentam ao este mundo acadêmico como uma forma de resistência e transformação. Conclamamos pelo exame mais profundo ainda desta prática e de seus resultados.

6. Referências Bibliográficas

ANDERSON, L. Publishing in pursuit of an academic career: the role of embedded and encultured knowledge in national job-market entry strategies of elite early career european scholars. In: CURRY, M.J.; LILLIS, T. *Global Academic Publishing*, Bristol: Multilingual Matters, 2019, p. 103 – 118.

BALL, S. J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. *Revista Portuguesa de Educação*, Universidade do Minho, Braga-Portugal, v. 15, n. 2, 2002, p. 3-23.

CUNHA, M. I.; AZEVEDO, Maria Antônia Ramos de. Formação para a docência no âmbito da Pós-Graduação na visão dos seus formadores. *Educação Unisinos* (Online), v. 18, 2014, p. 97-106,

CUNHA, MARIA ISABEL DA; BRACCINI, M. L. ; FELDKERCHER, N. Inserção profissional, políticas e práticas sobre a inserção à docência: avaliando a produção dos Congressos Internacionais sobre o Professorado Iniciante. *Avaliação* (UNICAMP) [online], vol.20, n.1, 2015, p.73-86.

DAVIES, Bronwyn. The (im)possibility of intellectual work in neoliberal times. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, v. 16, n. 1, mar. 2005, p. 1-14. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249914216_The_Impossibility_of_Intellectual_Work_in_Neoliberal_Regimes
Acesso em 16 de abril de 2019.

MOREIRA, Antônio Flávio. A cultura da performatividade e a avaliação da pós-graduação em educação no Brasil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.25, n.03, dez. 2009, p.23-42 .

NYGAARD, L.P.; BELLANOVA, R. Lost in quantification: scholars and the politics of bibliometrics. In: CURRY, M.J.; LILLIS, T. *Global Academic Publishing*, Bristol: Multilingual Matters, 2019, p. 23 – 36.

WILLIAMS, A.M.; BALÁZ, V. *International migration and knowledge*. London: Routledge. 2008.

[1] Tradução livre do original em inglês: "There is thus a need to better comprehend early career scholars' understandings of the recruitment process in different national systems. How do they perceive the explicit criteria and uncodified practices that mediate access to entry-level academic positions? And how, and to what extent, do these understandings shape their publishing decisions?" (ANDERSON, 2019, p.105)

[2] Tradução livre do original em Inglês: "This single-minded focus on productivity not only threatens to erode the diversity in scientific practices but can also systematically disadvantage scholars whose practices differ from the norms established by the indicators" (Nygaard e Bellanova, 2019, p. 24)

[3] Tradução livre do original em Inglês: " Thus bibliometrics move from describing productivity to co-defining it, creating an idealized image of scholarly activity" (Nygaard e Bellanova, 2019, p.27).

[4] Tradução livre do original em Inglês: "A necessary step in refusing these new conditions of our existence is to be aware of the discourses through which we are spoken and speak ourselves into existence. We must find the lines of fault in and fracture those discourses. And then, in those spaces of fracture, speak new discourses, new subject positions, into existence" (DAVIES, 2005, p.1).